

# DO MUNDO PARA A ULISBOA

## ESTUDANTES ESTRANGEIROS

Falámos com quatro alunos que escolheram a Universidade de Lisboa para prosseguirem os seus estudos. Partilharam as razões da sua escolha e a sua experiência académica e social. O Vice-reitor Luís Ferreira explicou-nos o enquadramento da importância destes alunos para a ULisboa.

O universo dos estudantes estrangeiros é vasto e abrange várias situações: alunos ao abrigo dos programas Erasmus e Erasmus +; parcerias de mobilidade com universidades de outros países, em que o aluno vem apenas por um semestre, tendo por contrapartida o envio de um aluno da ULisboa; projetos internacionais; e alunos ao abrigo do Estatuto do Estudante Internacional. A ULisboa tem 7500 alunos estrangeiros, cerca de 14 % do total da sua população estudantil. Vêm de 106 países diferentes, «criando-se um ambiente verdadeiramente universal; sem se sair do mesmo sítio, entra-se em contacto com pessoas do mundo inteiro, o que ultrapassa o que se ensina dentro de uma sala de aula», declara o Vice-reitor Luís Ferreira.

A ULisboa recebe estudantes internacionais para os níveis de mestrado e doutoramento, e passou a poder fazê-lo na licenciatura, com a reformulação do Estatuto do Estudante Internacional. A lei estipula que se tenha em conta o custo real da formação, o que justifica que propinas de licenciatura atinjam os 7000 euros para alguns destes alunos, como acontece no Instituto Superior Técnico ou na Faculdade de Ciências. Enquanto a maioria entra por via do contingente nacional, competindo com outros estudantes nacionais, aos estudantes internacionais é dedicado um contingente especial, por curso,



Luís Ferreira

© Tiago Carvalho

aprovado todos os anos pelo Reitor. O requisito legal essencial é que cada aluno preencha as condições exigidas no seu país de origem para ingressar no ensino superior. Luís Ferreira informa que, «nos doutoramentos, o custo das propinas é semelhante ou igual ao de um aluno português, considerando-se que o estudante internacional contribui, nesse nível, para a produção científica». Quanto aos critérios de aceitação dos alunos, «são estabelecidos por cada Escola, sem a obrigatoriedade de aulas em inglês, embora esta já se tenha tornado quase língua franca nos mestrados e doutoramentos», acrescenta.

A primeira versão da lei estipulava que o aluno dominasse a língua portuguesa, exceto se o curso fosse lecionado em inglês; agora, são aceites alunos com um baixo nível de português, que ao fim de um ano terão de atingir o nível B2.

De acordo com Luís Ferreira, «prevê-se que nos próximos anos haja uma diminuição de matrículas no ensino superior; cativar os alunos estrangeiros é uma forma de manter o mesmo número de alunos, sem representar um custo para o Estado português». Pelos testemunhos que se seguem, pode dar-se esse objetivo como cumprido. •

Mestranda em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território. Vem de Bogotá, na Colômbia.

«No último ano da licenciatura em antropologia fiz um intercâmbio em São Paulo, Brasil; queria melhorar o meu português. Conheci pessoas de geografia e percebi que podia gostar da área. Um amigo chileno que estuda no IGOT falou-me da abrangência das disciplinas e da qualidade e capacidade crítica dos professores. Agradou-me a parte académica e apreciei a simplicidade da candidatura. Estou cá desde setembro – e felicíssima.

Vivo na Graça, com dois colombianos também estudantes na ULisboa. Para poder vir, economizei durante uns anos. Na Colômbia, é costume trabalhar-se depois da licenciatura, antes de se seguir para mestrado. Trabalhei com «catadores»; num estudo sobre malnutrição; numa consultora que apoiava os processos de paz nas áreas rurais do país. Viajei muito. Na academia, por vezes é tudo muito romântico; no mundo do trabalho, percebe-se que as pessoas são complexas, os processos difíceis. Voltei a estudar por gosto: num trabalho representamos alguém e temos de ter cuidado com o que dizemos; na academia, somos mais livres.

Pedi um empréstimo; pensei que aqui havia mais bolsas de estudo para estudantes internacionais. Acho injusto as propinas serem mais elevadas para os estudantes internacionais, mas, ainda assim, o custo é menor do que na Colômbia. Estou a concorrer a uma bolsa do governo colombiano, cuja contrapartida é a de nos devolverem parte do dinheiro investido se regressarmos ao país.

Os «recicladores» são os «catadores» do Brasil – pessoas que reciclam em condições precárias, sendo discriminadas. Em Portugal, o sistema está direcionado para a reciclagem – da comida de supermercado, de frutas menos bonitas; na Colômbia, deita-se tudo fora, a lei é muito estrita. O foco do meu estudo eram estes recicladores e o seu processo organizativo, mas as aulas deram-me a conhecer outras práticas. Fiz um trabalho sobre resíduos eletrónicos – e-waste – e comecei a pensar o tema de forma mais global.

Portugal é um país central; é mais difícil viajar para África ou para a Ásia a partir da América Latina. Gosto da vida em Lisboa. Bogotá é uma cidade caótica e com distâncias longas; gosto da segurança que há aqui e das atividades culturais e artísticas. O turismo tem alguns efeitos perversos, mas Lisboa continua a ser uma cidade maravilhosa.

Já pensei em fazer o doutoramento noutra área das ciências sociais, mas, por agora, vou continuar o mestrado.



© Duarte Pinheiro

CATALINA  
GIRALDO  
VILLAMIZAR

Instituto de Geografia  
e Ordenamento do Território

«Na academia, por vezes é tudo muito romântico; no mundo do trabalho, percebe-se que as pessoas são complexas, e os processos difíceis.»



## MERYEM DUTOĞLU

Instituto de Ciências Sociais

Doutoranda em Política Comparada. Vem de Istambul, na Turquia.

«Visitei Portugal e pensei logo em vir para cá. O doutoramento é um período mais longo e considerei não apenas as condições académicas, mas também onde ia viver.»



## RODRIGUE KAZZI

Instituto Superior de Economia e Gestão

Aluno do mestrado em Ciência Atuarial em 2016/2018. Vem de Al Chammiss, no Líbano, localidade tão pequena, que diz ser desconhecida dos próprios libaneses.

«Licenciei-me em Ciência Atuarial, a aplicação da matemática ao cálculo do risco e dos seguros em instituições financeiras. Escolhi o ISEG porque queria uma acreditação internacional. Os cursos dos Estados Unidos só são reconhecidos nos Estados Unidos, os do Reino Unido, *idem*; as minhas qualificações agora são reconhecidas internacionalmente. Foram dois anos extraordinários. Vivi os primeiros meses em Santa Catarina, na casa de um senhor de 70 anos que alugava quartos. Era um português típico, contava-me muitas histórias e ensinou-me o que sei da língua. Depois, vivi com estudantes Erasmus, onze na mesma casa; foi uma vida diferente, com muitas festas. O mestrado é internacional, as aulas são em inglês, e a turma multicultural. Fiquei muito satisfeito com o nível de ensino. Os professores são modestos e acolhedores, preocupam-se com os alunos. No primeiro dia, a diretora do departamento sabia os nossos nomes, de onde vínhamos, e o que tínhamos estudado. Sentimos que somos especiais. [Risos] Acompanhavam-nos de perto. Houve várias sessões de acolhimento, algumas com agentes policiais que explicavam as medidas de segurança, o que achei útil e tranquilizador para um estudante internacional. Além disso, as pessoas do gabinete de mobilidade internacional foram indispensáveis nos procedimentos com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. A maioria dos meus colegas ficou a trabalhar em Lisboa; o mercado português está recetivo a estudantes internacionais. Vim fazer o doutoramento para a Vrije Universiteit Brussel, na Bélgica, porque queria uma nova experiência. Voltar a Portugal para trabalhar é uma hipótese; aliás, continuo a visitar Lisboa. Não imagino um lugar mais acolhedor. Os portugueses estão sempre dispostos a ajudar; é algo muito especial, de que sinto muita falta.»

«Licenciei-me em Relações Internacionais, numa universidade franco-turca, em Istambul. Foi natural escolher a França para fazer o mestrado, também pela pressão sobre os académicos na Turquia; lá, não tinha futuro. Consegui uma bolsa em França, e estive em Itália e na Tunísia como aluna visitante, três meses em cada. Também visitei Portugal e pensei logo em vir para cá. Como o doutoramento é um período mais longo, considerei não apenas as condições académicas, mas também onde ia viver. Não queria ir para o Norte, para países frios! [Risos] Além disso, dentro da União Europeia, Portugal é um dos países mais acessíveis quanto ao custo de vida.»

Candidatei-me ao ICS por causa da abordagem orientada para uma investigação académica produtiva e sistemática. Também queria ter a certeza de que o doutoramento seria 100 % em inglês. O ICS pareceu-me o melhor do país no campo da ciência política. Cheguei em setembro de 2018 e espero ficar quatro anos, até terminar. O meu projeto é sobre regimes autoritários, especificamente sobre as suas táticas de sobrevivência. Quero estudar a Turquia e a Rússia, para perceber como estes regimes persistem durante mais de 15 anos, quais as estratégias de controlo dos meios de comunicação e de repressão do povo. Também escrevo como *freelancer* para publicações *online* na Turquia, sobre sustentabilidade ambiental, arte, cultura e política.

Vivo em Alvalade, num apartamento com quatro estudantes portugueses. Não passo muito tempo fora do ICS, mas, quando vou à Baixa, sinto o movimento da cidade e sinto-me bem acolhida. Se conseguir um lugar como investigadora, gostava de ficar cá, mas teria de aprender a falar português. [Risos]

Bolseiro Marie Skłodowska-Curie no projeto Foie Gras. Vem do Bangladesh.

«Licenciei-me em Farmácia na Universidade East West, em Dhaka. Queria fazer o mestrado fora do país. Escolhi a Universidade de Camerino, em Itália, onde fiz o mestrado em Diagnóstico Molecular e Biotecnologia, com uma bolsa. Fiz Erasmus em Aarhus, na Dinamarca, e visitei laboratórios na Noruega e na Alemanha. Depois, fiquei sete meses na Universidade de Quioto. Percebi que não conseguiria fazer o doutoramento ali; o país é muito bonito, mas as diferenças de estilo de vida e académicas são muito grandes.»

Candidatei-me a vários lugares na Europa e consegui esta bolsa. O projeto, financiado pelo Horizonte 2020, está a cargo de um consórcio de 13 universidades europeias, uma delas a Universidade de Lisboa, através do iMED.Ulisboa – Faculdade de Farmácia. Percebi que a Universidade era uma das melhores em Portugal, e o grupo que iria integrar, dirigido pela Professora Cecília Rodrigues, muito ativo no campo da doença hepática gordurosa não-alcoólica, com a publicação regular de artigos científicos de excelência. Vim no final de 2017 e ficarei durante pelo menos três anos, com a possibilidade de prolongar por mais um ano.

Vivo nos Olivais com a minha mulher. Estamos os dois a tentar aprender português. Até agora, comunicar não tem sido um problema, porque todas as pessoas falam inglês. Não esperava que fosse uma língua tão usada aqui; na Itália, França ou Alemanha, as pessoas sabem inglês, mas recusam-se a falá-la. Aqui são prestáveis, acolhedoras e bem-dispostas, tentam sempre fazer-nos rir. Gosto da cidade, e a comida é boa; no meu país, comemos arroz, lentilhas, batatas e peixe, por isso estou no sítio certo. [Risos] Portugal é um país calmo, não é problemático como outros países maiores. Se conseguir um lugar aqui depois de terminar o doutoramento, gostaria de ficar.»



## TAWHIDUL ISLAM

Faculdade de Farmácia

«Todas as pessoas falam inglês, não esperava que fosse uma língua tão usada aqui. Na Itália, França ou Alemanha, as pessoas sabem-na, mas recusam-se a falá-la.»